

Estados Diferenciados de Consciência e Mediunidade

© 2010 - Conhecimento Editorial Ltda.

Estados Diferenciados de Consciência e Mediunidade

Carlos Antonio Fragoso Guimarães
Carlos Alberto Tinoco

Todos os direitos desta edição reservados

à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
www.edconhecimento.com.br
conhecimento@edconhecimento.com.br
Caixa Postal 404 - CEP 13480-970
Limeira - SP - Fone: 19 3451-5440

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Revisão de texto:

Maria Lúcia A. Maier

Projeto Gráfico:

Sérgio Carvalho

Ilustrações:

Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-198-9

1ª Edição - 2010

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento gráfico da
EDITORA DO CONHECIMENTO
e-mail: grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guimarães, Carlos Antonio Fragoso
Estados Diferenciados de Consciência
e Mediunidade / Carlos Antonio Fragoso
Guimarães, Carlos Alberto Tinoco — 1ª ed. —
Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2010.

ISBN 978-85-7618-198-9

1. Animismo 2. Consciência 3. Espiritismo
4. Fenômenos paranormais 5. Mediunidade
6. Personalidade 7. Psicopictografia I. Tinoco,
Carlos Alberto. II. Título.

10-01982

CDD - 133.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Consciência e mediunidade : Espiritismo 133.91

Carlos Antonio Fragoso Guimarães
Carlos Alberto Tinoco

Estados Diferenciados de Consciência e Mediunidade

1ª edição – 2010



Para Louise Imperiano Dantas, que, de muitas maneiras e em todos os momentos, tem sido minha inspiração.

Carlos Antonio Fragoso Guimarães

Para Lucimar, por ser minha companheira de jornada em temas nem sempre fáceis de serem estudados.

Carlos Alberto Tinoco

Agradecemos ao professor e pesquisador Stanley Krippner, por sua ajuda na conceituação de estados alterados de consciência; ao professor Reginaldo Hiraoka, coordenador do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP), das Faculdades Integradas “Espírita” de Curitiba, Paraná, pelo apoio a esta pesquisa; a André Luís N. Soares, por nos permitir a citação de algumas de suas traduções constantes do blog ParaPsi (<http://parapsi.blogspot.com/>), e a Lorena Lopes e Florêncio Reverendo Anton, por sua imprescindível ajuda, simpatia e cooperação e por nos permitirem a gentileza da utilização das fotos obtidas durante nossas pesquisas sobre a mediunidade de psicopictografia.

Sumário

Prefácio.....	11
---------------	----

Primeira parte

Expressões de diferentes modalidades de mediunidade
e as teorias espiritualistas e antiespiritualistas

Capítulo 1	
A controvérsia dos modelos	19
Capítulo 2	
Psiquiatria clássica e os fenômenos psi ou mediúnicos	48
Capítulo 3	
Teorias da dissociação da personalidade e teorias do animismo e do espiritismo	59
Capítulo 4	
O mistério da síndrome de <i>Savant</i>	104
Capítulo 5	
Outro caso de psicopictografia	111

Segunda parte

Teorias psicológicas sobre a personalidade

Capítulo 1	
O universo psíquico	145

Terceira parte

O transe e a experiência religiosa na história

Capítulo 1

O transe e a experiência religiosa na história	243
--	-----

Prefácio

De certa forma, este livro é o ponto de intersecção de um caminhar paralelo de dois autores: um, engenheiro civil e professor universitário de matemática e física, atualmente dedicado ao estudo do alcance do pensamento oriental, especialmente da Índia, que pode esclarecer certos aspectos negligenciados da alma humana; o outro, psicólogo e sociólogo, professor universitário de epistemologia e estudioso da obra de Carl Gustav Jung, bem como de diversos pesquisadores psíquicos, do passado e do presente, que destaca a atualidade do pensamento igualmente negligenciado de grandes pensadores ocidentais que se voltaram à pesquisa dos fenômenos ditos psíquicos. É, portanto, o fruto do contato entre estes autores que resume parte da trajetória de busca de significado de certos acontecimentos estranhos, registrados ao longo da história humana e, em especial nos últimos 150 anos, observados por nomes notáveis da ciência mas que ainda são considerados, por grande parte da comunidade científica atrelada a um paradigma já considerado por muitos como ultrapassado, como impossíveis de ocorrerem, ou, então, encarados como sintomas de algum tipo de distúrbio da personalidade, ainda que entendidos como possíveis em outros referenciais teóricos da realidade, como os advindos de culturas diferentes da ocidental, bastante desenvolvidas por milênios de História.

Mas não é sempre que em cada época ocorreram casos impossíveis e foram elaboradas teorias esdrúxulas que pouco

depois vieram a transformar toda a nossa visão da realidade? Não há muito tempo, o senso comum e a visão de mundo dominante nas mais respeitáveis academias rejeitavam as descobertas de Louis Pasteur a respeito dos micro-organismos. Doutores e teólogos ficaram chocados com as teorias de Alfred Russell Wallace e Charles Darwin sobre os mecanismos básicos da Lei da Evolução das Espécies, que demonstrava que o homem não era um ser privilegiado e à parte da natureza, mas fruto da evolução desta, a partir de organismos mais simples. As descobertas de Nicola Tesla sobre as possibilidades de produção barata e a transmissão de eletricidade sem o uso de fios contrariaram tanto os interesses dos capitalistas que seu laboratório foi covardemente destruído. Os estudos detalhados da exploração dos trabalhadores por Karl Marx inflamou a reação violenta de opositores que não queriam admitir a realidade da degradação humana pela exploração capitalista, com suas duras jornadas de trabalho de até 18 horas diárias em ambientes insalubres. Contudo, foi a denúncia desta realidade que permitiu um avanço nas leis do Direito do Trabalho, leis estas que estão sendo novamente destruídas pela globalização econômica dos mercados financeiros e pelas megacorporações industriais, tal como previsto pelo próprio Marx. E não foi pela ousadia de Sigmund Freud, partindo da antes desprezada hipnose e das “mentiras” dos histéricos, segundo a medicina de sua época, aceitando as paralisias e doenças atípicas sem uma causa fisiológica, que houve uma nova revolução da compreensão do comportamento humano, tornando, hoje, o conceito de inconsciente ao menos levemente conhecido por toda pessoa medianamente culta?

“Quase todos os fatos se harmonizam com a nossa visão do homem, mas há exceções”, afirma o psicólogo Lawrence LeShan.¹

A questão da mediunidade é, para a estrutura intelectual dominante, um desses casos de exceção que não se encaixam com a visão de mundo em voga, assim como o fato de que possamos ver e ouvir pessoas, em tempo real, do outro lado do mundo por meio de um pequeno telefone celular era uma louca impossibilidade real para o cientista de fins do século XVIII. A mediunidade é encarada como uma quimera por muitos, uma

1 Cf. LeShan, Lawrence, *O médium, o místico e o físico*, 1994, Summus Editorial, p. 25.

fantasia e uma impossibilidade *a priori*, tal como a existência de meteoros era uma impossibilidade lógica *a priori* para cientistas como Lavoisier, simplesmente porque, para a visão de então, seria impossível que existissem pedras de qualquer tipo flutuando no céu.

Contudo, quando um mineiro de parques conhecimentos começa repentinamente a pintar quadros de alta qualidade e apuradíssima técnica, o que lhe permite um convite oficial para tornar-se membro do Salão dos Artistas Franceses, após “ouvir” de alguém invisível que ele se tornaria um pintor, ou quando uma modesta senhora que sobrevive de parques recursos e tendo apenas um conhecimento extremamente rudimentar de solfejo começa a “compor” no estilo autêntico de vários dos grandes compositores do passado, com intrincadas construções harmônicas e soluções contrapontísticas coerentes com a escrita de um Johann Sebastian Bach ou a densidade emocional de um Ludwig van Beethoven, ou quando alguém que mal completou a educação primária consegue repassar informações desconhecidas dela e de todos os presentes e que parecem advindas de uma “entidade” que viveu no tempo presente, ou de uma outra que se apresenta com o estilo literário de uma pessoa que teria vivido no “passado”, temos uma quebra do que nos é familiar, ou uma “anomalia” naquilo que pensamos ser os limites do possível.

E se o impossível estiver, esporadicamente, a acontecer e a desafiar as fronteiras de nossos paradigmas vigentes, o que fazer? Ou, em outras palavras para as mesmas perguntas:

Quando o impossível acontece, que significado encerra ele para o homem? Que implicações encerra para nós o fato de que algumas vezes, na vida cotidiana e no laboratório, certos indivíduos revelam um conhecimento de coisas que não podem saber, de coisas de tal modo apartadas deles, no espaço e no tempo, que seus sentidos, sob nenhuma condição, lhes poderiam proporcionar as informações que demonstram ter? O que essas coisas nos dizem sobre a natureza do homem e do universo?²

Este livro é, talvez, uma tentativa de se apresentar fatos e pôr questões que nos ajudem, posteriormente, a nos orien-

² LeShan, *ibidem*, p. 13.

tar em uma tentativa de compreender o significado desses acontecimentos. Citaremos casos e exemplos de mediunidade, mas não iremos cair no reducionismo de tentar explicá-los por uma única linha teórica como sendo frutos apenas da intervenção de entidades desencarnadas ou, em oposição, de capacidades raras da mente, quando não, em uma terceira via, de produtos elaborados de fraude, mistificação inconsciente ou manifestação de uma fantasia devida a uma interação social. Levaremos igualmente em consideração tudo aquilo que nos permita compreender a complexidade desta árida área de pesquisa, incluindo desde aquilo que os pesquisadores espíritas postulam como um intercâmbio entre psiquismos de pessoas em interação, vivas ou mortas, como também aquilo que os mesmos pesquisadores reconhecem como “animismo”, ou seja, a influência inconsciente do próprio médium quando se expressa em um estado de consciência diferente do estado comum de vigília (transe). Também levaremos em consideração, de modo crítico, as “explicações” clássicas da psicologia e da psiquiatria, seu alcance, suas limitações, especialmente no que diz respeito à noção de personificação ou dissociação da personalidade, até atingir as novas teorias da personalidade advindas com a psicologia transpessoal de Jung, Assagioli, Grof e Wilber.

A análise de teorias, sua possibilidade de aplicação ou não a diferentes casos mediúnicos, aqui especialmente na chamada mediunidade artística (que inclui a psicopictografia, a psicomusicografia e a psicografia literária), pode nos ajudar a demonstrar que nossas ideias e modelos de como o mundo funciona e, mais ainda, como funcionamos nós mesmos em relação à realidade que nos cerca e à nossa própria consciência, são não apenas meros modelos conceituais, modelos artificiais e mapas meramente aproximados em relação aos territórios a que se referem, mas que, quando aceitos passivamente pela cultura, encobrem e distorcem nossa percepção do possível e do impossível. Novamente recorreremos à lucidez de LeShan, quando nos ensina que:

Os fatos científicos que conhecemos parecem dar validade à ideia de que o homem pode ser compreendido pelos mesmos conceitos físicos básicos que empregamos para entender carros e computadores. Todos concordamos que

existem mais detalhes que precisam ser compreendidos, mas as linhas gerais de que precisamos são do mesmo tipo e da mesma ordem que os acima descritos.

Será que todos os fatos que conhecemos apoiam essa visão? Ou quase todos? Se encaramos a questão com honestidade, descobriremos que se trata de quase todos. Existem fatos que não se encaixam nessa visão. A Parapsicologia é o estudo daquilo que Charles Forte costumava denominar de “fatos malditos”, fatos que não se encaixam. Tais fatos não se conciliam com os conceitos que usamos habitualmente para explicar o homem e seu mundo. No entanto, uma coisa aprendemos com a ciência: o caso atípico, o incidente inusitado, é aquele que, quando encarado seriamente, tem algo a nos ensinar sobre todos os outros.³

Esperamos que este nosso modesto trabalho venha a contribuir, ao menos minimamente, para o estudo dos chamados “fatos que não se encaixam” – talvez mesmo por ser o próprio homem e o humanismo uma impossibilidade em um universo mecânico e desencantado pelo cientificismo. Talvez com o impossível da consciência – essa desconhecida –, possamos questionar, senão mudar, nossa perspectiva em relação ao ser humano, ao descobrir que existe algo mais em nós mesmos do que nos faz supor nossa tão utilitária filosofia da modernidade. Se conseguirmos dar ao leitor ao menos alguns minutos de reflexão quanto a isso, a partir das outras percepções da consciência possíveis além da percepção ordinária que usamos quando competimos com nossos semelhantes, confrontamos contas ou contamos dinheiro, sentiremos que nosso trabalho valeu a pena.

Carlos Antonio Fragoso Guimarães
João Pessoa, 27 de agosto de 2006

³ LeShan, *ibidem*, pp. 24-25.

Primeira parte

Expressões de diferentes modalidades de mediunidade
e as teorias espiritualistas e antiespiritualistas

A controvérsia dos modelos

Parece-me ser necessário ainda uma vez mais insistir em que a conformidade com as conclusões do “senso comum” ou com a visão de mundo atualmente dominante não bastam por si para tornar uma hipótese absurda ou insustentável.

William MacDougall

1. Sobre dois posicionamentos opostos

Desde os primórdios das pesquisas dos chamados fenômenos psíquicos, em meados do século XIX, pôde-se constatar que o chamado transe mediúnico poderia se expressar por diferentes formas ou modalidades. São conhecidas expressões como: psicografia, efeitos físicos, psicofonias etc.

A psicopictografia, que é uma dentre essas modalidades tipológicas, e que tomamos como exemplo inicial, é definida ordinariamente como sendo a capacidade de produção de pinturas ou desenhos obtidos em estados de transe. Em outras palavras, sua característica básica seria a de ser um fenômeno de produção subjetiva de obras plásticas que se dá em certa modalidade de estado diferenciado de consciência (EDC), estado este vinculado a mudanças psicológicas e neurofisiológicas. Em termos psicológicos, constitui-se de, basicamente, uma percepção alterada da realidade circundante em relação ao que seria o estado de vigília comum do agente psíquico que serve de instrumento a essa capacidade de produção, comumente chamada transe. Em termos neurofisiológicos, constata-se um

certo relaxamento da atividade cortical posterior e uma maior atividade da região do hipotálamo cerebral, com repercussões fisiológicas, como alteração da temperatura corporal entre partes do corpo, relaxamento muscular e, ainda assim, notável capacitação motora (especialmente das mãos e dos pés).

Ora, o campo das explicações do estado de transe, que é característico da maioria das manifestações medianímicas, é dividido por dois posicionamentos teóricos aparentemente antagônicos e que são normalmente utilizados pelos pesquisadores como modelos referenciais (não levaremos em consideração, no momento, a negação absoluta do transe mediúnico, a nosso ver o posicionamento mais cômodo por parte dos céticos radicais): a explicação espiritualista e a psiconaturalista.

Clássica é a interpretação da mediunidade como sendo um fenômeno ligado à ação associada entre um agente psíquico visível (o médium) que supostamente seria total ou parcialmente dirigido pela ação de outras consciências exógenas, não visíveis, de pessoas não mais vivas biologicamente. Nesta interpretação, o fenômeno seria causado por inteligências e capacidades de pessoas que já viveram na Terra e que teriam desenvolvido habilidades quando vivas – no caso da psicopictografia, no desenho e na pintura.

Uma variante desta teoria é que, devido a certo relaxamento biofísico, o espírito do próprio médium teria a oportunidade de obter as informações e os comportamentos necessários à produção de suas obras plásticas, desenvolvidas em uma outra existência física (animismo). Estas duas interpretações constituem a teoria espiritualista ou espiritualista, adotada por alguns dos pesquisadores dos fenômenos psíquicos.

Partindo dessa mesma classe de eventos, mas baseados em uma concepção de realidade bastante diferente, outros teóricos propõem enfaticamente a substituição da interpretação espiritualista por uma de contornos psicológicos ou mesmo psiquiátricos. Neste último caso, talvez infelizmente, a tendência é de adaptá-la em quadros quase sempre de cunho patológico, mesmo sem uma base realmente sólida para se afirmar isso (RICHET, 1923; GROF, 1988, LeSHAN, 1993, 1995). Para tais teóricos, a “mediunidade” seria uma manifestação psíquica passível de se enquadrar em:

- um estado dissociativo da consciência. Neste caso, o médium não seria muito diferente de um esquizofrênico. Como este, o médium estaria sujeito a uma clivagem da consciência, daí surgindo a aparência de emulação de outras personalidades, que não seriam espíritos, mas aspectos diferenciados do próprio sujeito;

- uma expressão de uma rara capacidade de captação e/ou expressão de informações – incluindo-se modalidades técnicas complexas –, por meio de uma instância psíquica, porém anômala, que, na falta de uma melhor compreensão, classifica-se como sendo inconsciente;

- a possibilidade de os médiuns serem histéricos, com certo controle de sua dissociação, com reais potenciais psíquicos paranormais, mas plenamente humanos, não espíritos, em que tais capacidades, hipertrofiadas durante a dissociação momentânea, especialmente a telepatia, aflorariam ao serem estimuladas por um ambiente sociocultural favorável. Neste ambiente, as manifestações psi seriam expressas, personificadas (ou emuladas) inconscientemente como sendo originadas de pessoas ou entidades diferenciadas da do médium. A personificação, portanto, seria um tipo de fraude inconsciente, já que não seria mais que a expressão simbólica das capacidades do próprio médium. Ou seja, não de uma consciência desencarnada, mas de uma fantasia “personificada” pelo agente, como se originada fosse de um desencarnado.

Ora, um estudo um pouco aprofundado dos fenômenos mediúnicos nos mostra um histórico de eventos complexos em que se podem selecionar casos onde ambos os lados parecem explicar melhor uma ou outra das ocorrências mediúnicas. O fato lembra, em parte, a questão da dualidade dos fenômenos humanos e nos traz à memória o drama da ambiguidade da questão da matéria, na física, diante da dualidade onda-partícula dos fenômenos atômicos.

Partindo de exemplos pesquisados e consultando os discursos dos diferentes pesquisadores favoráveis a uma ou outra versão, nosso trabalho se propõe a apresentar ao leitor ambos os lados, analisando seus respectivos alcances e limitações explicativas e deixando ao leitor a responsabilidade de identificar-se mais com uma ou outra. Da parte dos autores, contudo,

notar-se-á que é aceita uma abordagem complementar, onde os aspectos psico-naturalista e espiritualista formam um contínuo fenomenológico, uma espécie de espectro de luzes em que todas as limitações são apenas tênues classificações intelectuais, em que os extremos parecem formar apenas as duas polaridades de um só e mesmo fenômeno. Esta ideia, aliás, de um contínuo psíquico, já é aceita por pesquisadores desde os primórdios das pesquisas psíquicas e do próprio espiritismo, este último definindo-as em termos de fenômenos anímicos, em um extremo, ou propriamente espíritas, em outro (AKSAKOF, 1993; BOZZANO, 1996).

2. Médiuns e mediunidade artística

O leque do que se chama de “mediunidade” apresenta ampla variedade de expressões. Neste leque, o fenômeno se apresenta de tal forma que algumas pessoas podem demonstrar possuir a capacidade de escrever em estilos literários diferentes, muitas vezes em um estilo próprio de autores célebres já falecidos. Outros podem compor músicas nas complexas e diferenciadas características de diversos compositores, tanto eruditos quanto populares; outros tantos manifestam outras modalidades de expressão artística. Daremos alguns exemplos dessas diferentes modalidades mais adiante.

No exemplo anteriormente citado da psicopictografia, que foi objeto de pesquisa dos autores deste livro durante certo tempo, vemos que alguns médiuns possuem a estranha capacidade de produção de obras plásticas, por vezes com uma técnica bastante apurada de desenho e pintura, ao estilo dos artistas a que geralmente são atribuídas muitas das obras assim obtidas, embora existam algumas “pinturas” que não sejam conhecidas. O que também se destaca é a capacidade surpreendente de se obterem quadros complexos em diferentes técnicas, por exemplo, óleo sobre tela, com uma imensa variedade de detalhes em um período de tempo extremamente curto, muito dificilmente ultrapassando a margem dos 25 minutos, a maioria mesmo obtendo-se em tempo muito abaixo desse limite, fato este já observado por outros pesquisadores em diferentes épocas com essa classe de médiuns.

Como querem alguns parapsicólogos, embora a capacidade de desenho e mesmo de pintura no estilo “mediúnico” possa ser desenvolvida por mero treinamento, cabe salientar que em ao menos alguns dos médiuns psicopictógrafos a qualidade e a diferenciação de estilos e a maneira como as telas são produzidas (por vezes elaboradas ao mesmo tempo que outras, por vezes feitas em plena obscuridade em apenas alguns minutos) deixa antever que a explicação do adestramento motor não parece se aplicar (ou se aplica mal) em certos casos complexos, o que nos faz lembrar que, em parapsicologia, estamos ainda em terreno instável onde as teorias variam conforme as crenças, as expectativas e os interesses dos diferentes autores.

Exemplos de médiuns psicopictógrafos

No Brasil, um dos casos mais conhecidos – mas longe de ser o único – de mediunidade em psicopictografia é, sem dúvida, o do médium, apresentador, escritor e psicólogo Luiz



Antonio Gasparetto (foto). Suas capacidades psicopictográficas foram, nos anos 80 do século passado, objeto de inúmeras pesquisas, em grande parte iniciadas graças ao trabalho da investigadora brasileira Elsie Dubugras.

Luiz Gasparetto causou polêmica na mídia pela virtuosidade elétrica de seu automatismo motor, quando, em transe, por vezes utilizava as duas mãos e os dois pés ao mesmo tempo para fazer desenhos ou pinturas diferentes, simultaneamente. Nessas ocasiões, Gasparetto parecia conseguir pintar, mesmo no escuro, quadros atribuídos, entre outros, a Renoir, Van Gogh, Degas, Cézanne, Gauguin, Toulouse-Lautrec, Tarsila do Amaral, Matisse, Goya e outros artistas consagrados. Podia executar seus trabalhos artísticos em poucos minutos, dependendo da complexidade do desenho.

Na foto, uma reprodução de um desenho feito “por meio” de Gasparetto e atribuído a Henry Toulouse-Lautrec.

Contudo, frequentemente era expresso pelos críticos que o estilo das obras, embora lembrasse, em linhas gerais, o dos

mestres a que se referiam, não parecia expressar a mesma qualidade das obras conhecidas dos citados autores. Todavia, pouco era levado em consideração pelos críticos que as obras executadas por Gasparetto eram feitas para demonstração pública, o que, ao menos em parte, explicaria o fato de serem feitas como esboços e traços, como fazem os artistas, que poderiam ser mais bem trabalhadas em estúdio, mas dificilmente em demonstrações imediatas. Também não era levado em consideração o fato de o médium, uma pessoa que serve de instrumento, ao menos supostamente, a uma outra, poder ser um meio opaco, em sua estrutura neuromotora, para a transmissão de movimentos. Certamente um intermediário interfere na transmissão dos movimentos das mãos e dos pés, utilizados às vezes simultaneamente, na produção das telas, do mesmo modo como traria alguma distorção caligráfica a assinatura de alguém, servindo-se do braço de outrem, para escrever.



De qualquer modo, muitos dos quadros deste e de outros médiuns – como veremos mais adiante – apresentam tal acabamento e finura, bem como estrutura estilística própria da de artistas célebres, que fica difícil encarar ao menos certos eventos de psicopictografia como mera expressão habilidosa de fraude.

Mas a história dos médiuns pintores é mais antiga e muito mais global. Uma apresentação detalhada dos vários médiuns do passado tomaria um espaço considerável nesta obra. Assim, julgamos suficiente apresentar apenas mais um exemplo dramático.

Augustin Lesage, nascido na França em 9 de agosto de 1876, foi um homem simples que ganhava a vida como um humilde minerador de carvão por mais de 20 anos, até que um dia, em 1911, aos 35 anos, durante seu trabalho, ele ouviu uma voz que lhe mudaria a vida. Conta-nos Lesage:

Eu trabalhava abaixado numa pequena passagem de 50 centímetros que dava para uma galeria afastada do movimento da mina. No silêncio eu escutava, apenas,

o barulho da minha enxada. Foi quando, de repente, ouvi uma voz nítida dizer: “um dia serás pintor!”. Olhei por todos os lados para ver de onde vinha esta voz. Ninguém. Estava ali eu, apenas. Fiquei estupefato e assustado. Voltei da mina e nada disse a ninguém, nem aos amigos, nem aos filhos, nem à minha esposa. Acreditava que iriam tomar-me por um alucinado ou louco.

Poucos dias depois, igualmente na mina e trabalhando, a voz se fez, novamente, escutar. Ninguém perto de mim. Fiquei apavorado. Guardei segredo, porém, inquieto, acreditando estar ficando louco. Oito meses, dez meses, talvez, passaram-se. Já não pensava mais nas vozes, quando, um dia, conversando com alguns camaradas da mina, um deles disse: “Sabem vocês que os espíritos existem? E que é possível nos comunicarmos com eles? Li sobre este assunto. Chama-se Espiritismo”. Esta revelação me perturbou. E me perguntei: “Será que o Espiritismo não tem ligação com minhas vozes?” (MARIE-CRISTINE VICTOR, *O fantástico Lesage*, 1998, pp. 30-31)

Após esses primeiros eventos, Lesage tornou-se curioso sobre o que lhe acontecia e, ouvindo falar sobre o espiritismo, buscou conhecer um pouco sobre o assunto lendo livros de Leon Denis. Posteriormente, ainda intrigado, resolveu, com os amigos e a esposa, fazer alguns experimentos caseiros informais. Continua Lesage:

Lecomte colocou sobre a mesa lápis e papel e minha mão começou a escrever esta mensagem que nunca esquecerei:

Estamos felizes por falar hoje com vocês. As vozes que você ouviu são uma realidade. Um dia serás pintor. Escute nossos conselhos e verá que tudo se realizará de acordo com o que dissemos. Atenda nossas palavras e sua missão se cumprirá. (*idem*, p. 32)

Mas, pensavam Lesage e seus companheiros, como é que um mineiro rústico, de mãos duras e calejadas pelo trabalho pesado, poderia vir a se tornar pintor? Quando muito, tal como apropriadamente falam certos autores, como Wellington Zangari e outros, com algum treino poderia vir a rabiscar alguns desenhos sem grande qualidade. Mas a resposta dos espíritos viria logo, também através da psicografia:



Hoje a questão não é desenhar, mas pintar. Não tenha medo, continue seguindo nossos conselhos. Realmente, um dia será pintor, e suas obras serão submetidas ao exame da ciência. No começo isto poderá parecer-lhe ridículo. Somos nós que traçaremos por sua mão. Não procure entender. Siga, rigorosamente, nossos conselhos. Antes de tudo, porém, iremos dar-lhe, através da escrita, o nome dos pincéis e tintas que deverá procurar no estabelecimento do senhor Poriche, em Lillers. Você encontrará lá tudo que for necessário.

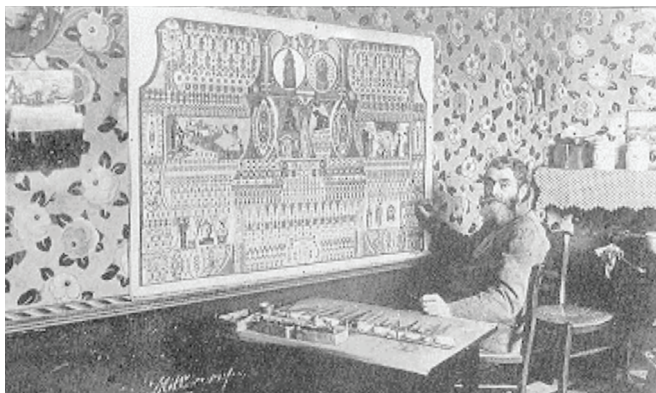
Então recebi de meus guias o nome das tintas. Imaginem! Eu teria de procurar tintas! E jamais

havia visto um tubo de tinta! Na loja eu olhava sem ver, tal era a emoção que me invadia. Deixei, então, que minha mão, guiada pelo espírito, se dirigisse para as tintas e foi assim que ele escolheu 15 tubos e vários pincéis. (*idem*, p. 34)

A partir de então, Lesage (foto), o humilde mineiro de olhos tristes, passou a se dedicar à pintura com a ajuda de seus “guias espirituais”, ainda que continuasse, por um tempo, a trabalhar nas minas. A pintura o ajudava muito a se recuperar do desgaste do trabalho duro.

O processo se dava, segundo ele, desta forma, o que explicita o fato de que produzia suas obras em estado modificado de consciência.

Foi assim que Lesage tornou-se, gradativamente, conhecido, transformando-se em objeto de curiosidade, interrogações e inevitáveis polêmicas.



O atelier do médium era a cozinha de sua pequena casa.

Em 1932, após anos de pintura, geralmente com uma temática com referência à arte oriental, Lesage é reconhecido como um pintor de qualidade e admitido a tornar-se membro do Salão dos Artistas Franceses.

Suas exposições levaram sua obra a outros países. Era uma pintura extremamente original. Muitas delas tinham uma temática com os padrões comuns a afrescos e motivos egípcios, embora outras fossem extraordinariamente mais abstratas, mas não caóticas nem absurdas.

Em 1935, Lesage recebeu a medalha de prata da Exposição Artesanal de Auchel. Em 1937, viajou à Bélgica e ao Marrocos. Em 1938, recebeu as Palmas Acadêmicas e logo foi convidado a expor em Londres e Edimburgo. Sua habilidade chamou a atenção de eruditos, pintores e do público em geral.

Em 1939 estoura a Segunda Guerra Mundial. No ano seguinte, a França é invadida pela Alemanha nazista. Por essa mesma época, a tragédia e o desespero pela sobrevivência se abatem sobre a Europa e o interesse público pelos fenômenos psíquicos decai extraordinariamente.

O fim da Segunda Guerra foi a ocasião em que o paradigma mecânico-materialista se consolidou definitivamente no senso comum como o modelo de realidade considerado mais válido. É neste contexto de deflexão paradigmática que se arma contra ele a mesma campanha difamatória que atingiria o crédito de todo o trabalho das pesquisas psíquicas que incluiria não apenas médiuns como Lesage, mas os nomes da ciência que se dignaram a pesquisar nessa área, como Crookes, Richet, Lombroso, William James, Marie e Pierre Curie, James Hyslop, Oliver Lodge e tantos outros.

Lesage passou a ser atacado como mistificador e louco, e sua obra passou a ser ignorada e esquecida. Na noite em que completaria 78 anos, 21 de fevereiro de 1954, quase totalmente abandonado, Lesage morre. No dia seguinte, alguns jornais anunciam apenas friamente o desenlace.

Mas o que houve, quais as causas sociais que levaram, em poucos anos, de um reconhecimento admirado de um fenômeno singular à sua completa ridicularização e desprezo?

Em 1946, após o término da guerra – e nos restos de uma Europa destruída –, o fim das utopias e das metanarrativas

acalentadas pelo Iluminismo estabelece o cenário frio para uma mudança radical do contexto intelectual do ocidente, que se volta radicalmente para o materialismo pragmático, propiciando o meio favorável ao niilismo radical. De fato, embora o ceticismo ante as pesquisas psíquicas já existisse e fosse mesmo bastante forte, ainda assim havia suficiente tolerância nos meios intelectuais para que houvesse pesquisas com médiuns, algumas desenvolvidas por brilhantes cientistas céticos, como William James, Charles Richet, Albert von Schrenck-Notzing e outros. Outras eram promovidas por instituições criadas por intelectuais e cientistas, a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, a Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, o Instituto Internacional de Metapsíquica de Paris, entre outras associações que contavam, entre seus membros alguns prêmios Nobel (Richet, Marie Curie).

De fato, voltando-se o olhar para o início das pesquisas sobre a mediunidade em meios não espíritas, percebemos que desde meados dos anos 1850, houve um crescente esforço de pesquisa para se obter evidência empírica baseada em material sólido que possibilitasse afirmar a hipótese da sobrevivência do espírito. Nesta pesquisa, muito material antes visto com suspeita acabou por ser acomodado como válido. Foi assim com a história do mesmerismo, depois chamado de sonambulismo magnético e hoje conhecido como hipnose. Igualmente com esta base foram descobertas evidências sólidas de faculdades humanas antes desconhecidas ou pouco compreendidas, como a criptomnésia, a telepatia, a visão à distância, a precognição, entre outras. Longe, porém, de desestimularem a hipótese da sobrevivência, já os primeiros pesquisadores observavam nessas funções psi uma base para fortalecê-la, como notaria o físico e cético Frank Podmore, em citação exposta por Ernesto Bozzano em seu livro *Metapsíquica humana*, na página 43 da edição da FEB:

Seja ou não verdade que as condições do Além permitem, aos que lá se acham, de entrar, às vezes, em comunicação com os vivos, é, em todo o caso, claro que essa questão se tornaria de importância secundária se se chegasse a demonstrar, sobre a base das faculdades inerentes à psique

humana, que a vida da alma não está ligada à vida do corpo. Em outros termos, deve-se necessariamente admitir que, se é verdade que no sono mediúnico ou extático, o Espírito conhece o que, à distância, se passa, percebe coisas escondidas, prevê o futuro e lê no passado, como em um livro aberto, então – considerando que estas faculdades não foram certamente adquiridas no processo de evolução terrena, cujo meio não lhes é próprio nem lhes justifica a emergência –, parece que se poderá inferir que estas faculdades demonstram a existência de um outro mundo mais elevado, no qual elas deverão ocorrer livremente, em harmonia com outro ciclo evolutivo, que não mais seria regido pelo nosso meio terreno.

É importante acrescentar que a teoria, aqui esboçada, não é nenhuma especulação fundada em suposições não verificáveis; é uma hipótese científica baseada na interpretação de uma categoria precisa de fatos... Seria inútil contestar que, se se pudesse provar a autenticidade dos fenômenos de premonição, de clarividência e tantos outros que testemunhassem que em nosso espírito se encontram faculdades psicossensoriais transcendentais, então o fato da independência do espírito do corpo seria manifesta.

Vê-se, portanto, que, historicamente, o estudo da mediunidade, em suas modalidades subjetivas ou intelectuais, é indissolúvel do estudo da psicologia, parecendo-nos que a psique humana, nos estados modificados de consciência (transe), aponta para novos espectros de possibilidades tanto de percepção quanto de expressão, além das já conhecidas.

Por mais de cem anos nomes de peso da história da psicologia debruçaram-se, em algum momento de suas vidas, sobre a questão da mediunidade e da possibilidade da sobrevivência pós-morte. William James, Carl Gustav Jung e Carl Rogers são apenas os exemplos mais conhecidos. Outros luminares da ciência também se juntaram aos psicólogos, formando um pequeno, mas atuante, grupo de pesquisadores dedicados a descobrir evidências sólidas para apoiar a tese de que nossa mente ou consciência possui capacidades que transcendem as possibilidades e os limites de tempo e espaço, que constroem a matéria, evidências também de que esta mesma consciência sobrevive à morte.

Começando com as pesquisas de Justinus Kerner, William

Crookes e William James sobre a mediunidade, no século XIX, passando pelos trabalhos derivados da escola de Joseph Rhine, em parapsicologia, no século XX, especialmente com Karlis Osiris e Ian Stevenson, e culminando nas pesquisas contemporâneas de experiências de quase-morte, com Raymond Mood Jr., Elizabeth Kübler-Ross, Kenneth Ring e Sam Parnia, este corpo de pesquisa forneceu suficiente material e base sólida para nos fazer pensar que o paradigma materialista atualmente dominante entre acadêmicos e cientistas convencionais é severamente limitado, não conseguindo explicar todos os dados acumulados sobre como se podem obter informações através da mediunidade ou dos fenômenos de percepção extrassensorial, ou por meio de experiências como os de quase-morte.

Na verdade, a recusa, *a priori*, de certos céticos de nem sequer observar primariamente evidências de que a consciência pode obter informações por meios outros que não os físicos está muito próxima do posicionamento dogmático que eles tanto criticam nos chamados “crentes”. Neste sentido, já se lamentava William James quando escreveu:

Convidei separadamente oito dos meus colegas cientistas a virem a minha casa, uma hora cada um, e a tomarem parte numa sessão com uma médium cujas manifestações já publicadas nos nossos *proceedings* tinham sido inteiramente dignas de interesse. Embora, no pior dos casos, isso significasse para cada um deles apenas a perda de uma hora, cinco deles declinaram o convite. Pedi então a uma “Comissão” que forma a equipe ligada à cátedra de um sábio psicólogo, pertencente a uma universidade vizinha, para examinar a mesma médium, oferecendo-lhe que as despesas de envio e manutenção corressem por minha conta e pela de Hodgson. Tive de aceitar dispensar os ditos membros de tal embaraço. Convido outro psicólogo amigo a examinar o caso desta médium, mas ele responde-me que é inútil, porque se viesse a obter resultados parecidos com os que eu verifiquei, sendo sugestionável, julgar-se-ia simplesmente vítima de alucinação. Quando eu lhe proponho como remédio ficar ele de parte a apenas tomar notas, enquanto sua mulher poderia dirigir a sessão, ele explica que jamais consentiria que sua esposa estivesse presente em tais exercícios. O